

cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.^o
N.^o 30

Preço
1\$00

A Companhia Cinematográfica de Portugal

apresenta na Quarta-feira, 26, no

CINEMA "RIVOLI"

a super-produção alemã

"A Condessa de Monte-Cristo"

Notavel criação da apreciavel actriz

BRIGITTE HELM

e o excelente actor

RUDOLF FORSTER



Alguns dos maiores exitos do cinema
sonoro serão distribuidos pela

Companhia Cinematográfica de Portugal



Esta gravura representa uma cena da já célebre fita "Um Sonho Dourado", uma produção de Erich Pommer para a "Ufa", com Lilian Harvey e Henry Garat, musica de Werner Heymann. A crítica alemã tece os maiores elogios a um "Um Sonho Dourado", considerando-a uma das melhores fitas da "Ufa" e a mais completa criação de Lilian Harvey.

O Cantinho dum Cinéfilo

«Cinema» está organizando um Inquérito junto dos jornalistas cinematográficos portugueses, com o fim de saber quais os 10 filmes seus preferidos, de entre os estreados na temporada 1931/32. Inquéritos similares fazem várias publicações estrangeiras, como «Film Daily», de Nova-York, «Der Deutsche», de Berlim, todos com notável êxito.

Na altura em que vamos do nosso inquérito, já temos em nosso poder dois terços das respostas dos jornalistas consultados, o que equivale a garantir o sucesso da nossa iniciativa, que desejamos repetir em cada época.

E é curioso constatar, após um ligeiro exame às respostas já recebidas, a unidade de vistas dos nossos jornalistas cinematográficos. Não só o filme que segue na vanguarda da votação (a menos que as respostas que falta receber venham alterar essa posição) obteve uma maioria esmagadora de pontos, como os cinco ou seis a seguir classificados são mencionados por quasi todos os jornalistas, muito embora nas listas figurem nos últimos lugares.

Tratando-se dum Inquérito que pretende indagar quais os dez melhores filmes na opinião pessoal do jornalista, sem curar de saber do seu êxito comercial, não será estranhável que o filme mais votado não seja o que tenha obtido melhor resultado de bilheteira. Mas não deixa de ser curioso observar que a película que ora segue à frente do nosso inquérito é justamente — e, afinal, bem injustamente! — dos mais fracos resultados comerciais de Lisboa e Porto.

O que, mais uma vez, vem pôr em destaque a eterna divergência entre a opinião pessoal do crítico e a da massa geral do público.

Em meu entender, êsse afastamento de opiniões tem de verificar-se sempre, em todos os tempos, em todas as épocas. O crítico, porque lê, porque estuda, porque acompanha de perto a evolução da Arte, obtem sôbre a camada geral do público uma ascendência intelectual que lhe abre caminho às possibilidades duma mais fácil assimilação dos trabalhos em que essa evolução se patenteia, quando não é o primeiro a exigir a apresentação desses trabalhos. E tal divergência, afinal, é bem necessária. E' dêsse desencontro de apreciações que surge o movimento, vagaroso embora, do progresso da Arte, é dessa disparidade que nasce o desejo de saberem mais, uns, de os igualarem, outros.

■ ■ ■

Este Inquérito que «Cinema» está fazendo —, idela nossa em Portugal, mas inspirada na de outros, no estrangeiro —, põe à prova, de maneira indiscutível, o espírito desenvolvido, culto — e perdõem-me a falta de modéstia!... — do jornalista cinematográfico português. Vê-se claramente que não houve o propósito de votar em filmes que não resultaram sucessos comerciais, só porque, por princípio, os êxitos de bilheteira estão em desacôrdo com as opiniões dos críticos.

Não é assim. Ha filmes que possuem as duas qualidades, e assim o compreenderam os jornalistas cinematográficos portugueses, não os esquecendo, sabendo-os apreciar, incluindo os nas suas listas. Em tal sinceridade de opiniões está o êxito do inquérito de «Cinema», êxito que não é só desta revista, antes pertence a todos os que em Portugal se dedicam ao jornalismo cinematográfico, e aos quais «Cinema» apresenta os protestos do melhor agradecimento, com a afirmação da mais leal camaradagem.

A novela cinematográfica de Fernanda Luísa

Inexorável, ditadora, a agenda do director marcava aquele trabalho forçado, aquele trabalho de forçados: escrever um artigo de duas páginas sobre o novo fonofilm de Jean Murat... Era uma ordem imperiosa a que nos tínhamos de submeter com conformação, quasi com humildade... A pena emperra, tropeça no papel, o cérebro está cansado depois dum dia intenso, dum dia de trabalho?

Que importa? Daí a alguns momentos entrará no nosso gabinete cheio de sombras cenográficas, — de sombras de novelas a dançar argumentos, tēmas, assuntos —, o eterno chefe da tipografia a pedir o original, a clamar que tem pressa, a exigir uma produção rápida, vertiginosa, ciclópica...

Um bom homem, o chefe da tipografia!... Mas exigente, apressado, — sempre com medo de perder o combóio das máquinas, cujas linhas são feitas com minúsculos caracteres de antimónio e estanho...

Os minutos iam passando... De quando em quando, a cabeça do chefe dos tipógrafos assomava à porta do gabinete... E uma voz imperiosa ordenava, seca e rápida:

— «Não se demore!...»

* * *

O continuo veio anunciar «uma senhora nova, bem vestida»...

Mandámo-la entrar.

— Se estava a falar com o João Santos, redactor da revista «Cinema»...

— Perfeitamente, minha senhora...

— «Desculpe vir interrompe-lo... Certamente estava a trabalhar... Diga-me: a Greta Garbo volta para a América, para Hollywood?... Ah, como eu queria viver em Hollywood, perto dos «astros», senti-los perto de mim... Desculpe!... Eu desvario!...»

E continuou a falar...

* * *

Quem era aquela rapariga? O que queria de mim? Atrevidamente no pensamento uma série de perguntas inquietantes... Seria uma dessas muitas «meninas cinéfilas» que costumavam importunar-me para saber a idade, o nome verdadeiro, a direcção dos galãs preferidos?... Lembrei-me que talvez ali tivesse assunto para uma novela... Vocês não calculam quantos argumentos de novelas sentimentais e românticas andam escondidas nas almas das raparigas cinéfilas!... São adejantes anseios que florescem em inquietantes espiritualizações nestas figuras de cêra do grande museu do século XX...

* * *

— «Olhe... chamo-me Fernanda Luísa e adoro o cinema... E venho pedir-lhe uma fotografia de Jean Murat!...»

Sim, é o meu galã, o meu namorado, o meu noivo... Não perco uma fita dele!... E escrevo-lhe, escrevo-lhe para os estúdios onde trabalha... Recebi ha semanas uma fotografia com um autógrafo...

Que gentil, que carinhoso que foi o meu Jean... Ele bem sabe que o amo, que não posso viver sem o amparo da sua simpatia, sem o carinho dos seus olhos felicitosos... Não, êle não é como o Charles Rogers, como Barry Norton, como tantos outros galãs mais ou menos acriançados... O Jean é um homem, desempenado, alroso, simpático... Al como será bom cair nos braços do Jean Murat!...

* * *

Estava, realmente, diante de uma novela, de uma figura freudiana, patológica...

Permanecêra calado até então...



Jean Murat, que muitas das cinéfilas portuguesas tiveram o prazer de cumprimentar em Lisboa

Deixára brotar com impetuosidade as palavras daquela mocinha cinéfila, que frequentava os cinemas onde aparecia o seu ídolo, a sua paixão, — os programas dos cinemas marcavam os rendez-vous... —, e que não pertencia à legião das que escrevem cartas ao Leitão de Barros, para só as escrever ao Jean Murat... Era uma paixão absorvente, dominante, que a galvanizava numa admiração sem fim, num entusiasmo sem remédio...

Uma mística, — mas possuía dum misticismo morderno, século vintesco, a rablar imoralidades e baixos sentimentos da carne pela carne...

* * *

Satisfiz-lhe a vontade. Levou, sorridente, muito chegada ao peito, uma fo-

tografia do Jean Murat... E eu continuei a pensar na vida, na vida do cinema, com todo o seu cortejo de figuras atípicas, doentes, — rilhafonenses...

E continuei a escrever o artigo começado... E a cabeça do chefe da tipografia continuou a aparecer a espreitar à porta:

— «Já acabou?...»

* * *

Não, não acabei... A novela da menina cinéfila não acaba aqui... Teve outro fim, um fim de filme, — mas sem beijos em *gros-plan*...

Vocês sabem: o Jean Murat esteve ha pouco tempo em Lisboa, a filmar algumas cenas para uma nova película...

As meninas cinéfilas correram apressadas a marcar um bom lugar para a aquisição do eterno autógrafo e da eterna fotografia em papel mate... E a menina cinéfila que me procurou na redacção do «Cinema» foi propositadamente do Porto a Lisboa para ver o seu Jean Murat, para lhe falar, para o amar...

Chegou ao hotel e não o encontrou. Procurou no «Maxim's»... E os seus olhos não queriam ver o que viam... E os seus ouvidos não queriam ouvir o que ouviam... Jean Murat estava rodeado de belas raparigas, numa conversa animada e interessada...

Então, cambaleante, sem saber o que fazia, mas premeditando uma maldade, Fernanda Luísa pegou numa garrafa de «champagne» e atirou-a ao seu amado... E ficou a rir-se, a rir-se perdidamente, doidamente...

Rebolição... Acorreram os criados... Seguram-na... A música irrompe com uma sinfonia modernista... Pares amorosamente enlaçados rodopiam sobre o disco encerado do «dancing»... E a cena bem de-pressa foi esquecida...

* * *

Este drama, este drama vivido, não forneceu mais do que uma duzta de linhas de comentários, uma ligeira notícia perdida na 3.ª página dos jornais...

E no dia seguinte Fernanda Luísa entrava para um hospício de alienados...

JOÃO SANTOS.

Mais uma vez lembramos aos nossos leitores que «Cinema» conseguiu que o «Batalha» nos desse o desconto de 50% nas soirées de sabados, que devem aproveitar.

«Robert Montgomery quer regressar ao teatro»

Bob Montgomery dedica-se a lêr obras teatrais. Quando faz isto tem a ilusão de que é o herói da obra. Tem um brilho especial nos olhos quando fala no teatro.

— Vou tornar de novo aos palcos — parte do tempo. Se o estúdio mo permitir, farei seis meses de teatro e seis meses de cinema no ano.

Foram estas as suas palavras quando ha pouco foi interrogado pelo jornalista, e continua:

— Quando dei a entender aqui em Hollywood que desejaría estar livre cinco ou seis meses no ano para continuar a minha carreira teatral, imediatamente me fizeram as mais absurdas suposições, entre as quais que queria mais ordenado, que queria sair de Hollywood para chamar a atenção sobre mim. Um caso que deu muitíssimo que falar foi o de Brian Aherne, o galã de Katherine Cornell que ha pouco representou «The Barrets of Wimpole Street» no teatro de Los Angeles. Várias editoras das maiores ofereceram-se para o contratar quando êle quisesse, mas êle regeitou dizendo que não queria deixar o teatro. Por mais que quisesse convencer os directores de que não queria deixar o teatro pelo cinema, encontrava sempre esta resposta: «se isto não chega dar-lhe-emos o dôbro». Resistiu heroicamente.

«Eu não digo que o meu amor ao teatro seja tam forte como o de Brian, mas não nego que me atrai muitíssimo mais do que o cinema. Quando dei os primeiros passos para conseguir meio ano de independência, comecei a dizer-se que estava doido, que queria malor ordenado e que queria divorciar-me. Não importa, no entanto, o que possa dizer-se; eu conheço-me o suficiente. Os ordenados teatrais são muito menores comparados com os do cinema, no entanto espero conseguir algum que me permita regressar pelo menos uma temporada, ao teatro.

«Creio que todos os estúdios deveriam procurar que as suas «estrêlas» fizessem temporadas teatrais de vez em quando, ao menos uma vez por ano. Quasi todas as nossas primeiras figuras de teatro trabalham em Hollywood e isto não é justo porque o teatro sofre imenso com isso. Deveria considerar-se que do teatro saem muitos dos grandes artistas do sonoro.

«Tenho ouvido a multiplissimas «estrêlas» dizer que desde que reunam uma soma sufficiente se retiram de Hollywood para não mais voltar. Eu, como não posso abandonar o cinema completamente, julgo que o melhor será meio ano de cada coisa.

«Uma das principais determinantes desta minha attitude é a certeza de que em Hollywood nada está seguro. E' certo que costumamos ganhar muito e fazemo-nos famosos em pouco tempo, mas por várias vezes aconteceu que ao receber o primeiro cheque êste fique

depositado como fundo para comprar uma casa a prestações e antes de termos pago a metade das prestações tudo se perca porque se rompeu o contrato.

«Eu ainda não compreí nada que não seja possível levar para Nova-Yorque no dia em que deixe Hollywood. Minha esposa faz o mesmo e não seria eu que lhe aconselharia o contrário.

«Os moveis da nossa casa não são de estilo espanhol, ainda que a nossa casa o seja. Tudo é puramente colonial, compramos assim propositadamente porque temos uma rica vivenda de estilo colonial na parte alta de Nova-Yorque.

«Hollywood não é real. Nem a fama e o brilho do cinema. Note-se no en-

dio, Greta Garbo, Joan Crawford, Norma Shearer, Marion Davies, Dorothy Jordan, Anita Page e outras mais, não menos belas e famosas. Quasi todas as películas que fiz foram adequadas ao meu caracter e não posso queixar-me certamente da remuneração que recebi. Quando vou aos sábados buscar o meu cheque, reparo com atenção que a soma não seja menor do que a semana passada, porque com a crise que estamos atravessando também nos descontaram trinta por cento dos nossos ordenados e ninguém se queixou. Porquê? Por uma razão muito simples: porque todos ganhamos mais que suficiente para viver com comodidade e luxo, sem receio do futuro, ainda mesmo que nos cesse o contrato quando menos o esperamos.

MARY WHITING.

Johnny Weissmuller vai-se divorciar?

A formosa e patética batalha que Bobbe Arnst travou durante quasi um ano para conservar o amor de Johnny Weissmuller, parece que chegou ao fim e a valente e miúda bailarina de Broadway foi derrotada. E' que Hollywood foi mais forte que todo o carinho e todo o amor de Bobbe? E' certo que depois do seu indiscutível triunfo no cinema, Johnny tem sido aplaudido por todos em geral, mas pelas mulheres principalmente. Diz-se que ha mulheres com interferência no assunto: Maureen O'Sullivan, a bonita irlandesa que com êle entrou numa película, e a dinâmica Lupe Velez a quem Johnny conheceu durante a sua «tourné» teatral pelos estados do Este.

Em presença do desastre do seu matrimonio, Bobbe negou à imprensa que ela e seu marido tivessem desgostos ou contendas. Exibia com entusiasmo as cartas e telegramas que lhe enviava o marido, cartas de amor e de carinho que continuamente lhe mandava; inclusivamente, dois dias antes dêle regressar a Hollywood depois duma «tourné» brilhantíssima, recebeu um último telegrama que dizia: «Regresso de avião. Amo-te».

Quando recebeu a dita mensagem, Bobbe dirigiu-se correndo ao estúdio e daí para uma agência de publicidade, exibindo chela de felicidade o telegrama com o único fim de que todo o mundo o conhecesse.

Não seria possível publicá-lo? E disse: «Assim se desfariam naturalmente êsses horríveis rumores do divórcio que continuamente circulam a nosso respeito. Creio que se o público lêsse esta maravilhosa mensagem de Johnny as coisas voltariam a aclarar-se e todo o mundo



Robert Montgomery dedica-se a lêr todas as obras teatrais e sonha com a esperança de trabalhar seis meses no teatro e seis meses no cinema.

Montgomery tem um magnifico papel em «Vidas Intimas», com Norma Shearer.

tanto que não me estou queixando do cinema. Por malor que seja o meu agradecimento não poderei pagar-lhe o que fez por mim. No entanto como a máxima fama cinematográfica não basta, segundo o meu modo de vêr, queria compartilhá-la com a do teatro.

«Ainda que trabalhe ha pouco tempo no «écran» não posso queixar-me da sorte. Tive ocasião de trabalhar com as «estrêlas» mais famosas do meu estú-



Quando a vida parecia começar a sorrir-lhe, para a compensar das agruras já sofridas, Madelon Claudet sofre novo desgosto: é presa, inocentemente, como cúmplice...

(Helen Hayes e Lewis Stone, numa cena do empolgante filme «O Pecado de Madelon Claudet», uma produção da «M-G-M», que val conquistar todo o público. Esta fita foi classificada como uma das melhores fitas de 1931, no inquérito anual de «Film Daily».)

compreenderia que tinha sido enganado por Hollywood, com o fim de nos separar como tem feito com tantos casais felizes».

Quando Johnny regressou, o desconcerto não se fez esperar. Durante os primeiros dias Bobbe justificava a completa ausência do lar, explicando que êle estava sumamente atarefado, acompanhando os seus amigos, os nadadores olímpicos, dum lado para o outro. Um dia entraram juntos no estúdio e todos notaram que Bobbe Arnst procurava conservar entre as suas uma das mãos de seu esposo e que mais de uma vez o apertou pela cinta.

Dois dias depois soube-se que êle se havia mudado para o Club Atlético e começaram a circular insistentes boatos de que Johnny tinha pedido a Bobbe que se divorciasse d'êle. Disse-se também que ela não compreendêra a atitude do marido. Como poderia ter mudado em tam pouco tempo? Ha um momento Johnny era completamente seu... e agora pedia que se divorciasse!

Hollywood, ao tentar dar uma explicação do mistério, fez recordar que Johnny estava muito entusiasmado com Maureen O'Sullivan, desde que trabalharam juntos, e também que Johnny tinha conhecido e tratado com Lupe Velez a quando da sua estada em Nova-Yorque. Maureen nega estar apaixonada por Johnny e Lupe Velez limita-se a dizer: «somos muito bons amigos e nada mais» e a-pesar disso Johnny quer divorciar-se de Bobbe quando ainda não terminaram o segundo ano de casados. Bobbe Arnst era uma das bailarinas mais célebres de Broadway quando conheceu o que é hoje seu marido. Depressa se

desinteressou da sua brilhante carreira para se entregar a Johnny, já que êle necessitava de alguém que cuidasse de si.

Nesta semana fazem anos:

15 a 21 de Outubro

- Outubro, 15 — Ina Claire (30).
 16 — Hanny Weisse.
 16 — Molly O'Day (22).
 16 — Rex Bell (27).
 17 — Jean Arthur.
 17 — Marian Marsh.
 17 — Marilyn Morgan.
 19 — Thelma Parr (26).
 20 — Marion Mixon (28).
 20 — Evelyn Brent.
 20 — Charles Chase.
 21 — Lloyd Hughes (35).

Nove fitas em produção, nos estúdios da «Fox»

Estão em plena actividade os estúdios da «Movistone City», na Western Avenue, de Hollywood. Nada menos de nove fitas estão sendo produzidas: «Less no Paiz dos Odios», com Janet Gaynor e Charles Farrell; «Sangue Vermelho», com Clara Bow, Thelma Tod e Estelle Taylor; «Walking Down Broadway», com James Dunn e Minna Gombell; «Jubilo», com Will Rogers e Marion Nixon; «Sherlock Holmes», com Clive Brook e Miriam Jordan; «Robbers Roost», com George O'Brien; «Rackety Rax», com Victor MacLaglen e Greta Nissen; «Cross Pull», com El Brendel e Janet Chandler; «Pier 13», com Joan Bennett, Spencer Tracy e Marion Burns.

Efemérides da semana

15 a 21 de Outubro

- Outubro, 15 (1920) — Inaugura-se a época de inverno no cinema «Condes», de Lisboa, com o filme «A Gardenia Vermelha», interpretada por Hedda Nova.
 17 (1930) — No Hotel Claridge, de Paris, Lillian Harvey, Willy Fritsch e Henry Garat recebem a imprensa cinematográfica.
 18 (1930) — E' apresentada em Paris a versão original de «The Big House» («O Presídio»), com Wallace Beery, Chester Morris e Robert Montgomery.
 20 (1917) — Norma Talmadge casa com Joseph Schenck.

Dentro e Fora dos Estudios

Lily Damita vai interpretar para a «First National» a primeira figura feminina de «O Rei dos Fósforos», que aquela casa vai produzir sobre a vida de Ivar Kreuger.

Um incendio que ha dias houve nos estúdios de Staaken, perto de Berlim, destruiu todos os *décors* já edificados para «O Testamento do Dr. Mabuse», o novo filme de Fritz Lang.

A fita silenciosa de Greta Garbo, «A Rua Sem Sol», fez tanto sucesso no cinema «Engineers Auditorium», de Cleveland, que foi preciso a intervenção da policia para manter o público em ordem, nas bichas à porta daquele cinema.

A «Warner Brothers» acaba de pedir à «Fox» o actor Warner Baxter, para interpretar o protagonista de «Rua 42ª», que será uma produção no género «Eldorado».

George Walsh, um actor da velha guarda, vai interpretar um dos papeis da fita «Pier 13», que a «Fox» está produzindo com Joan Bennett e Spencer Tracy.

As autoridades de Chicago decidiram proibir a exhibição de todas as fitas de *gangsters*.

Uma nova sala especializada acaba de ser inaugurada em Paris. Trata-se de «Le Raspail 216», que principiou por exhibir «Vampyr», o tam discutido filme de Carl Th. Dreyer.

A «M-G-M» tem actualmente em produção «Rasputin», com Ethel, John e Lyonel Barrymore, «The Mask of Fu Manchu», com Boris Karloff, Jean Hershoit e Myrna Loy, e «Red Dust», com Clark Gable, Jean Harlow e Mary Astor.

Depois dum ano de ausência dos estúdios, Alice White volta a trabalhar para o cinema. Fechou contrato com a «Warner Brothers», para a qual vai interpretar «Employees' Entrance».

Constance Bennett adiou a sua projectada viagem à Europa, para interpretar «Always Wrong» («Sempre enganada»), para a «RKO». O argumento é de Adela Rogers St. John e a direcção de George Cukor.

Betty Compson vai interpretar para a «Monogram» a fita «Guilty or not Guilty» («Cupada ou não culpada»).

«A Viuva Alegre», com Joan Crawford?

Consta que Irving Thalberg acaba de decidir que Joan Crawford seja a protagonista da versão falada de «A Viuva Alegre», que a «M-G-M» vai realizar.

Joan Crawford, que de dia para dia vê subir o seu apreço de grande actriz, é hoje uma das cotadas artistas americanas, graças aos seus últimos trabalhos em «Idades Modernas», «Fascinção» e «Grande Hotel».

QUAIS OS 10 MELHORES FILMES

EXIBIDOS EM PORTUGAL EM 1931/32, NA OPINIÃO DOS JORNALISTAS CINEMATOGRAFICOS PORTUGUESES?

A exemplo do que tem feito várias publicações estrangeiras, «Cinema» decidiu organizar um inquérito para saber, na opinião pessoal dos jornalistas cinematográficos portugueses, quais os 10 melhores filmes estreados em Portugal na temporada finda, de 1931/32.

Para êsse efeito escreveu a todos os camaradas que na imprensa portugêsa se tem ocupado regularmente de secções cinematográficas, inquirindo das suas opiniões sobre o motivo do nosso inquérito.

Em cada resposta, ao filme primeiro classificado serão atribuidos 10 pontos, ao segundo, 9, ao terceiro, 8, e assim sucessivamente, por ordem decrescente. Somados os pontos que cada filme obtiver nas diversas respostas recebidas, os que conseguirem maior votação serão, naturalmente, os preferidos.

«Cinema» já tem em seu poder quasi todas as respostas, apenas faltando as de cinco ou seis jornalistas consultados, as quais, no entanto, esperamos receber a tempo de serem incluídas no resultado final do inquérito. Desde já, porém, podemos anunciar que as respostas recebidas apresentam uma saliente uniformidade de critérios, pois não só os três primeiros classificados são indicados em todas as listas, como os três ou quatro seguintes figuram em quasi todas as respostas, muito embora, em algumas, nos ultimos lugares.

No próximo número será publicado o resultado final do inquérito, bem como as votações de cada um dos jornalistas que nos enviaram as suas opiniões.



Quatro dos «Titans do Ceu». Da esquerda para a direita: Conrad Nagel, Clark Gable, Cliff Edwards e Wallace Beery, protagonistas da super-produção com aquele título, falada em francês. «Titans do Ceu» é um filme do «Ano Metro».

“Titans do Céu”

Produção “Metro-Goldwyn-Mayer”

Realização de Georges Hill

PRINCIPAIS INTERPRETES

Wallace Beery	Windy.
Clark Gable	Steve
Conrad Nagel	Dulce
Dorothy Jordan	Ann
Marjorie Rambeau,	Mme Kelsey

ARGUMENTO

Windy Riker, chefe mecânico a bordo dum porta-aviões de guerra, «O Saratoga», era o tipo do velho soldado rabugento e batalhador, por vezes áspero para os seus inferiores.

Era no entanto o primeiro a executar as ordens recebidas, o que o tornava querido dos seus superiores.

Chegou um dia ao navio um aspirante — Steve Nelson — que pertencia à nova escola, instruído, ciente dos seus direitos e obrigações e com uma tendência bastante acentuada para o arrivismo. Desde que chegou ainda não dispensará um olhar a Windy.

— Quem é este fedelho? — perguntou quasi indignado Windy.

Um dos seus camaradas respondeu:

— Tem cautela, este *rapazote* que aí vês é mais fraco do que tu mas é muito mais sábio...

— Não é com clência que se conduz um avião — disse Windy.

O velho piloto tinha compreendido a situação com acerto: a ambição de Steve era substituir Windy, que começava a envelhecer. Esta pretensão foi compreendida por Windy transformando a primitiva antipatia em ódio. Esperava a primeira ocasião para uma desforra. Proporcionou-se a Windy a ocasião para tal, quando soube que Steve, que era um rapaz muito simpático, se apaixonara por uma rapariga chamada Ann. Empregou o velho lobo do mar todos os esforços para a conhecer, conseguindo-o não sem esforço. Quando a viu disse-lhe:

— Você afinal está apaixonada por um grande imbecil...

— Eu amo-o — respondeu ela com indignação.

— Está certo, — disse Windy —, mas é preciso que êle lhe corresponda...

— Tenha confiança nêle...

— Se você collocasse o seu capital como coloca a sua confiança em breve se arruinaria, — respondeu Windy.

A rapariga compreendêra as palavras que escutára e desapareceu para ocultar as lágrimas. Encontrando Steve contou-lhe o que se havia passado e este jurou vingar-se. Por esta altura, «O Saratoga»



chegou ao Panamá; isto corria às mil maravilhas para Windy, que tinha uma amiga na pessoa de Mme Kelsey, estabelecida com um «cabaret» na cidade. Steve teve conhecimento deste pormenor e decidiu ir ver a amiga do seu chefe para fazer uso da sua acção em prol da sua própria causa. Tinha necessidade absoluta de destruir os maus propósitos de Windy e ao mesmo tempo restabelecer o amor de Ann. Abeirou-se de Mme Kelsey e como era simpático esta escutou-o interessada, tanto mais que receava que Windy se tivesse apaixonado por Ann. O que fizesse ajudando Steve, seria em seu proveito, pois via em Ann uma concorrente perigosa. Tudo isto parece um pouco estranho mas o coração das mulheres de tudo é capaz. Steve estava a falar baixo e tinha conseguido que no futuro ela fosse sua allada junto de Ann, quando surgiu Windy. Este, com o seu temperamento desconfiado, pensou que o conquistador estava disposto a roubar-lhe a sua amada, ou pelo menos a empregar todos os esforços para o conseguir. Windy avançou desassombadamente com os punhos cerrados para Steve. Pensou talvez dominá-lo aos primeiros golpes; mas contra toda a expectativa a luta foi severa e saiu vencedor o novato. Aos gritos desesperados dos circustantes, en-

taram no «cabaret» alguns policiaes que conduziram Windy sob prisão. Isto era extremamente complicado porque o porta-aviões estava de partida e já se havia dado a bordo pela falta de Windy. Já cheio das suas proesas o comandante estava resolvido a deixá-lo preso, talvez na intenção de o receber mais tarde. Mme Kelsey, que via as tremendas responsabilidades de Windy, abeirou-se das autoridades e contou-lhes como se passaram os factos, disse que Windy quasi a atingir a sua reforma seria muito prejudicado se o não restituissem à liberdade. Conseguiu libertar Windy e este atingiu o navio a tempo. Já ao subir a escada de bordo, disse a Mme Kelsey:

— Não esquecerei nunca o que fizeste por mim, minha querida. E Windy, que só tem uma palavra, desposar-te-á dentro de 14 dias.

Era a verdade. O tempo de serviço de Windy terminava dali a duas semanas. Quando chegou ao porta-aviões o velho chefe mecânico não era já ativo e foi encontrar os camaradas na sua cabine. Acolheram-no com risos e troças.

Chegou a ocasião dos vôos de ensaio, que comportavam uma série de manobras extremamente perigosas. Já ninguém ria a bordo do «Saratoga» e um dia, o aspecto era ainda mais triste que

Charlot no Japão

"Boycottage"

do costume porque não chegava Steve Nelson que tinha partido num avião com outro oficial. Que lhes sucederia? Architectavam-se as mais absurdas hipóteses, qual delas a mais lúgubre. O momento era grave e havia necessidade de um homem destemido que fosse em demanda dos oficiais desaparecidos. Ofereceu-se para tal Windy. Partiu só num avião e depois de incessantes trabalhos encontrou-os num lugar deserto. Aterrou e correu em socorro dos seus camaradas. Steve ficou admiradíssimo ao vê-lo.

Windy, no entanto, não lhe deu explicações; não era por simpatia que assim procedia, mas somente porque era um soldado e um homem. Subiram os três para o seu avião e este voou por cima das nuvens. A empresa era difícil porque o nevoeiro era espesso e divisava-se próxima uma tempestade. Durou várias horas esta luta tremenda entre o valeroso piloto e os elementos da natureza em revolução. Finalmente venceu a sua indomável coragem e inigualável perícia e conseguiu aterrar no porta-aviões. Estava no entanto exausto.

Quiseram os dois oficiais recompensá-lo; ele teve somente um sorriso, o último, cheio de perdão, dirigido a Steve...

A notícia que nos chega de Tóquio vai levantar muitos comentários, porque diz respeito ao único homem que alcançou um prestígio mundial como Napoleão: referimo-nos a Charlie Chaplin ou mais simplesmente Charlot. Que lhe aconteceu? advinho já esta pergunta insistente e chela de curiosidade da parte dos leitores. Não se impacientem, eu o direi. O Japão, que é conhecido pelo respeito manifesto a todos os Deuses, inclusive ao do cinema, resolveu boycotá-lo.

Desde que um Nipónico tome uma resolução só raramente deixa de executá-la.

Como todos notaram, Charlot abreviou dois meses o seu estágio no Japão e embarcou sem mais demora num navio que o devia conduzir a S. Francisco. Terminou assim mais cedo do que ele esperava a sua viagem à volta do mundo. O que se passou?

Não é muito fácil explicá-lo, contudo nós vamos ensalzar fazê-lo. Para bem compreenderem, lembre-se de que

ciada. Ora, Charlot não segue na vida senão o seu belo prazer, trata os simples mortais como números desprezíveis, nunca aparece num «rendez-vous», conduz-se em toda parte como um super-homem, mais próximo do céu que da terra.

Recordem-se os seus deslises com a justiça de Londres; notou-se, com efeito, um belo dia, não sem espanto geral, que Charlot tinha feito esperar o Lord Maior e mesmo o primeiro ministro, o que lhe valeu do juiz uma lição de civilidade bem áspera. Isto não impediu que Charlot continuasse a manifestar a mesma educação nativa ou voluntariosa em todos os países que honrou com a sua visita.

Em França limitou-se a tomar parte nas caçadas do Duque de Westminster e fazer-se fotografar a cavalo e em traje de caça, o que o fez rir muito. E nada mais. Riu portanto. Os japoneses, que não são cepticos e tomam tudo a sério, sobretudo a educação, manifestaram uma certa estranheza em face das «gaffes» do ídolo do mundo. Tinham organizado festas, recepções de honra em Tóquio e noutras cidades do Japão, em honra da Charlot. Este deveria assistir a elas, mas à ultima hora, quer fosse por ele querer tomar banho, jogar o tennís ou sair à procura de alguma «partenaire» feminina para o seu próximo filme, Charlot fazia os convites, os discursos e as fanfarronadas o mais aerlamente possível. Noutro país a imprensa teria feito ecoar o desapontamento geral. Em Tóquio os factos passaram-se de maneira diferente.

O ministro do Comércio e Comunicações, em pessoa, dirigiu-se a Charlie Chaplin e anunciou-lhe depois dos cumprimentos da praxe e tradicionais no Japão que existia um excelente barco para S. Francisco. O governo imperial de resto, punha uma dependência luxuosa à sua disposição..... e Charlot partiu.

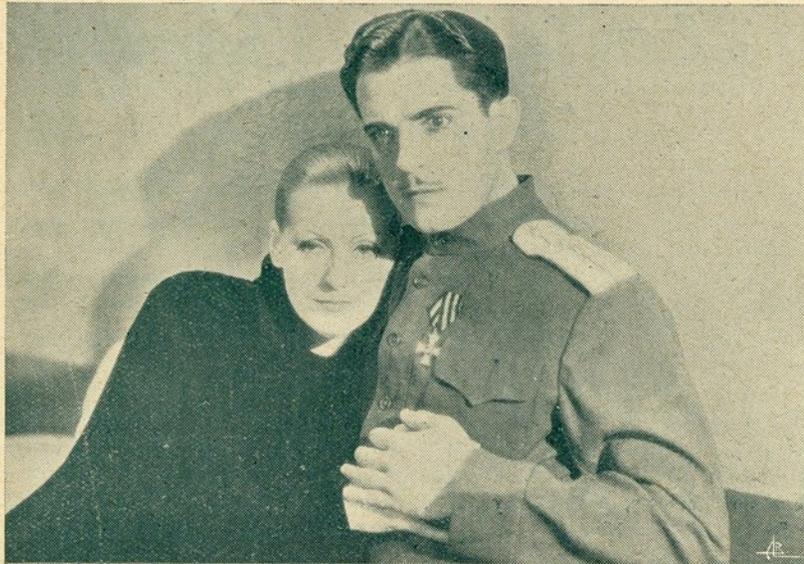


Com a senha deste número de «Cinema», o leitor pôde ir no próximo sábado à noite ao «Batalha», por metade do preço.

o Japonês é o homem mais polido da terra, quer dizer que conserva um culto verdadeiramente excepcional por todas as honras que os homens devem uns aos outros, por todos os indícios de civilidade que fazem parte duma boa educação e duma nação e poli-

A «M-G-M» vai fazer fitas em França

A «Metro-Goldwyn-Mayer» decidiu fazer em França algumas das suas versões estrangeiras. A fim de estudar o assunto, Arthur Loew chegará a Paris nos primeiros dias de Dezembro, na sua viagem à volta do mundo.



Greta Garbo e Ramon Novarro numa das cenas finais de "Mata-Hari", uma super-produção da "M-G-M" que no "Palacio da Musica", de Madrid, está confirmando o êxito obtido nos outros países, e que em Portugal se estreará ainda esta temporada.

Correspondência

ALBERTO BARRADAS: — Ora, continuando: Desejariamos muito fazer-lhe a vontade, mas não é possível publicar, por enquanto, qualquer retrato da Gerda Maurus, como deseja, visto que ela não apareceu em nenhum filme sonoro, e não consta que apareça brevemente. Queira transmitir isto mesmo aos seus amigos *gerdófilos* aí de Luanda.

Se há mais filmes portugueses além de «A Dama que ri», «A Canção do Berço», «Maria do Mar», «A Severa», «A Minha Noite de Nupcias», e «Vê e Amar»? O meu caro Barradas, quantas dezenas mais não há de filmes portugueses, tantas que nem posso discriminá-las aqui! Então as fitas do Rino Lupo, as da «Invicta-Film», as da «Pátria», da «Luzitania» e tantas outras que se fizeram desde que o cinema é cinema! Ai, que o Barradas é cinéfilo modelo 1932!...

Quanto aos concursos de que fala, não pensamos nisso, por enquanto.

E, amigo Barradas, não se esqueça de fazer um descansozinho na correspondência!

JE T'AIME, ANITA PAGE: — Obrigadinho pelos seus desejos de boa saúde. De facto, a minha hipótese de férias já acabou. Agora, toca a retomar o trabalho!

Anita Page aparecerá esta época em «Pamplinas Milionários». O «Trindade» será o cinema que levará mais filmes da «M-G-M». Quanto à companhia que apresentará melhores fitas, isso é que se não pôde dizer. Todas apresentarão boas e más.

ROSA SEM ESPINHOS: — Verá

Lilian Harvey em «Quick», «Sonho Dourado», e o «Testamento do Marquês de S...». Filmes sonoros, fez «A Valsa do Amor», «O Caminho do Paraíso», «As Ordens de Vossa Alteza», «O Cruzeiro do Amor», «O Congresso que Dança» e «Dois Corações a Compasso».

CINÉFILO PORTUGUÊS: — A «Tobis Portuguesa» continúa silenciosa para com a imprensa, para com certa imprensa, tanto como as suas antecessoras de produção nacional. Depois, lastimam-se de que a gente só trate de cinematografia estrangeira! Pudera!

Pelo que tenho ouvido dizer, nanja que a «Tobis Portuguesa» tivesse enviado qualquer informação a «Cinema», está em Lisboa alguém da «Tobis», de Paris, a tratar da construção dos estúdios. Nada transpira, porém, quanto ao primeiro filme a ser produzido.

PREGUNTÃO-MÓR: — Em «O Trio Fantástico», os principais papéis estavam a cargo de Lon Chaney, Lila Lee, Elliott Nugent, Ivan Linow e Harry Earles. Em «A Trindade Maldita», Lon Chaney, Mae Busch, Victor MacLaglen e Harry Earles. Em «Re negados», além de Warner Baxter, Myrna Loy, Noah Beery, Gregory Gaye e George Cooper. Warner Baxter aparecerá esta época em «The Cisco Kid» e «Espôsas de Médicos». Continúa com «Fox», 1401, N. Western Avenue, Hollywood, Cal.

MARIA RITA II: — Não figura nos meus arquivos o nome e tal actor. Veja se está confundida.

SOUSA LOPES: — «Aguia d'Ouro» e «Trindade» — «Western Electric»; «Olimpia», «Nitsche»; «Batalha» — «Phototone»; «São João» — «R. C. A.» e «Rivoli» — Philisonor». Não há nenhum aparelho «Bauer» cá no Porto,

mas tenho ouvido boas referências a essa marca.

CAPITÃO SAINT AVIT: — Se lhe constou que tanto o Pat como o Ricardo tinham morrido, a mim não constou nada. De modo que eu continuo a crêr que tanto um como outro estão vivinhos da costa.

Kate de Nagy, ao cuidado da «Universum film Aktiengesellschaft», Berlim SW. 19, Krausenstrasse 38/39.

FLOR VIÇOSA: — É Exactamente das que eu gosto.

Lon Chaney morreu há dois anos, em 26 de Agosto de 1930. Rodolfo Valentino morreu em 23 de Agosto de 1926.

E para outra vez, faça-me perguntas mais alegres. Nem parece uma «flôr viçosa», parece um cipreste!

GOSTO DE CHEVALIER: — Também eu, também eu, também eu.

1.^a — Marlene Dietrich aparecerá em «Shangai Express» e «A Venus Loura»; Henry Garat em «Um rapaz encantador», «Sonho Dourado» e «Uma mulher num comboio». 2.^a — A idade ao certo, não lha posso dizer; quasi tôdos os artistas dizem o dia e o mês em que nasceram, mas nem tôdos dizem o ano... 3.^a — De Clive Brook, sonoro, só vi «As 4 penas», «Saudade», e «Shangai Express». Além desta última, que você já diz ter visto, Clive Brook é um dos principais intérpretes de «O Segredo do Advogado», que ora se exhibe no «Olimpia» aí de Lisboa.

UMA BRAZILEIRA FEIA: — Não pode ser, porque as não há! Eu, pelo menos não conheço nenhuma!

Tenho, sim, minha Senhora, ouvido falar no Raoul Roulien, mas ainda não vi nenhum filme de sua interpretação. Quem viu foi o nosso director, que diz maravilhas do seu compatriota, que tem um bom físico e uma esplendida voz. Entra com Janet Gaynor, Charles Farrell e El Brendel em «Deliciosa» e por um pouco que não rouba a Janet ao Farrell. Quando vir «Deliciosa», fixe a canção que o Raoul Roulien canta à Janet Gaynor:

*You are deliciou,
And so capricious...*

E' este bocadinho (êle não sabe mais nada da canção) que o director canta (?) com muita frequência, muito embora estropiando a encantadora música do George Gershwin... (Vidê discos da «His Master's Voice», Grande Bazar do Porto).

FRANCISCO JOSÉ GALVÃO: — Pode escrever para Rosita Moreno, «Fox Studios», 1401 N. Western Avenue, Hollywood, Calif. Lilian Harvey (que está muito prestes a partir para os mesmos estúdios da «Fox») pode, talvez, receber ainda a sua carta, se lhe escrever imediatamente, ao cuidado da «UFA», Berlim SW. 19, Krausenstrasse (38/39). Mas é muito possível que, quando a sua carta lá chegar, já a Lilianzinha vá no mar alto...

EU SEI TUDO.

Um dos filmes do "Ano Metro"

TITANS DO CEU

(HELL DIVERS)

Um filme surpreendente
falado em francês

Audacia

Movimento

Imprevisto



com

WALLACE

BEERY

CLARK

GABLE

CONRAD NAGEL, DOROTHY
JORDAN, MARJORIE RAMBEAU,
MARIE PREVOST

Maravilhosa realização

de

GEORGE HILL

PRODUÇÃO

METRO-*Goldwyn*-MAYER

Na próxima semana no "Trindade"

A nova paixão de

O divorciado esposo de Mildred Harris e Lita Grey está cada vez mais sociável. Antigamente não havia poder humano que o arrastasse a um «rendez vous» ou a uma festa. Hoje, em compensação, vêmo-lo em todos os lugares «chics» acompanhado duma loira beleza irresistível. A sua casa é a séde de frequentes festas a que preside sempre a encantadora loira...

E como para acimar mais ainda a curiosidade de todos, a citada loira tem em si alguma coisa de misterioso. O que já não é mistério para ninguém é que Charlie olha-a orgulhoso e aperta frequentes vezes as suas mãos delicadas entre as dele.

Já não resta a menor dúvida de que está loucamente apaixonado. Correm insistentemente boatos de próximas núpcias. O nome da beleza é Paulette Goddard, e posto que não seja muito discreto que o façamos constar é um pouco mais alta que Charlot...

Neste momento, Paulette está contratada pela «Metro», que teve a amabilidade de a ceder a «Artistas Associados» para fazer de parceira de Eddie Cantor em «Kid of Spain». Mas, posto que todas as «estrélas» que tomam parte na fita (e não são poucas) têm biografia e dados nos ficheiros do estúdio, Paulette pelo contrário não disse de onde veio nem para onde vai. Alega ter vinte e um anos, e divorciou-se há pouco em Reno, por «incompatibilidade» de carácter, de um jovem milionário. O seu ex-marido presenteceu-a com um «Hispano-Suíza» quando da proclamação final, e Paulette tomando o volante encaminhou-se para Hollywood na certeza de encontrar trabalho nos estúdios.

Há quem diga que foi corista nas famosas «Follies», mas o certo do caso é que ela possui um valiosíssimo colar de pérolas que não inveja nada aos de



CHARLOT

Marion Davis, que tem a colecção mais completa da América.

Os seus vestidos são todos de Paris, dos modelos mais caros e extravagantes, e é sobretudo muito «chic» a sua elegância quando chega aos estúdios vestida com pijamas de casa adornados com formosíssimas peles de Zorra azul. Os seus cabelos, dum loiro singularmente belo, estão cortados segundo o tipo de Antoine, de Paris. E para terminar Charlot Chaplin deseja vê-la todo os dias no estúdio e não falta nunca à hora da saída, porque de contrário não faltariam mais de meia dúzia de galãs satisfeitos e orgulhosos de o poderem substituir em tam grato labôr. Adrian, Gilbert Adrian, o famoso costureiro da «M-G-M», afirma que não tinha tido ainda ocasião de contemplar um modelo vivo da categoria de Paulette. «Ela não só é jovem e formosa, disse assombrado, mas também a entusiasma as coisas extravagantes e exóticas, as quais caem tam bem no seu modo de ver e de se conduzir que crelo não poderia ser igualada por mais alguma mulher de Hollywood».

Desde que Adrian o afirma, êle lá tem as suas razões... Recentemente disseram os peritos que a fortuna de Chaplin orçava por mais de sete milhões de dólares — o suficiente, cremos bem, para se poder manter uma mulher. A sua formosa vivenda em Beverly Hills, com vinte quartos, que não deixam de ser em excesso para um único homem, vai movimentar-se novamente...

Chegará Charlie Chaplin a casar?...

Paulette Goddard, uma encantadora loirinha da "M-G-M", pela qual Charlie Chaplin sente um certo fraco

ALLÔ, ALLÔ, PARIS... DAQUI BERLIM! (Hallo, Hallo, Hier Spricht Berlin!): — Julien Duvivier acaba de

nos dar um excelente fonofilm, uma das poucas produções em que foi utilizada convenientemente, inteligentemente, a aliança da imagem e do som, e, com tal realização, Julien Duvivier ascende à primeira fila dos grandes animadores do cinema sonoro.

Se Duvivier tivesse trabalhado para uma casa francesa, se tivesse sabido rodear-se dos imprescindíveis elementos de publicidade, e, penoso é dizê-lo, se tivesse suprimido ao filme certas seqüências absolutamente desnecessárias, a nublarem a excelência do seu trabalho, o seu nome estaria, e muito justamente, definitivamente consagrado, e a confiança nas suas possibilidades muito perto de atingir a dos melhores realizadores europeus.

Pelas nossas Cinemas

Porque «Allô, allô, Paris...», privada das tais seqüências inteiramente prejudiciais à beleza harmónica da película — a da visita ao velho cabaré de Montmartre, onde um cantor, na mais anti-cinegráfica das cenas, nos massacra os ouvidos e a paciência, numa tirada sem fim, à la André Bauge ou Richard Tauber, e a final, do encontro no restaurante, que é cordelinho a preparar o desfecho forçado, a despeito da ironia da intervenção dos schuppos no conflito que lá se desenvolve — se lhe tirassem, dizia, tais peripécias episódicas ou se as substituíssem criteriosamente, êste filme seria uma obra-prima do cinema sonoro.

Assim mesmo, é uma excelente película, é um lisongeiro trabalho, todo ou quasi

todo de Julien Duvivier, no qual se nota, desde as primeiras cenas, a firmeza da mão e do cérebro que as dirigiram, sem receios nem tibiezas.

Como Fritz Lang em «Matou», como René Clair em «Viva a Liberdade» ou «O Milhão» (e já foi menos seguro em «Sob os telhados de Paris»), como Mammoulian em «Ruas da Cidade», Julien Duvivier não dirigiu «Allô, allô, Paris...» às apalpadelas, não começou experimentando as suas ideias ou tateando as suas possibilidades. Foi logo direito ao fim, e deu-nos uma obra cheia de segurança, nas novidades que nos apresenta, nos ensinamentos que nos traz, como no aspecto geral da realização.

Os quadros iniciais, que nos mostram os diversos povos falando ao telefone e a sua utilização universal, apresentados em montagem rápida, em sobreposições



Quasi poderíamos apostar em como um tango que José Mojica canta em "O Meu Ultimo Amor", vai fazer vibrar bem forte o coração das nossas cinéfilas. Mas não só as canções de Mojica como o seu magnífico desempenho e o de Anna Maria Custodio e Mimi Aguglia tornam "O Meu Ultimo Amor" uma super-produção da "Fox" que vai deliciar o público.

e em multiplicações de imagens, tudo com a colaboração sonora a destacar-lhe os efeitos, a definir o objectivo, são de grande felicidade, ou antes, são de



grande imaginação, como bem imaginada é toda a condução fonofilímica do entreccho. A ideia da apressada visita a Paris e as consequências desagradáveis para o idiota do Karl, é inspirada no «Paris em 5 Dias», de Rimsky, mas está muito bem fotografada, e, sobretudo, é traduzida por imagens de puro cinema. E a *charge* espirotuosíssima da visita do Presidente das Repúblicas Transoceânicas a Berlim, tem um sabor pronunciado a René Clair, ao melhor René Clair, com a caricatura dos personagens, com o ridículo das atitudes, com o burlesco das situações...

A interpretação é o que menos conta no filme. Confiada a artistas franceses e alemães sem grande renome, como Josette Day, Germaine Aussey, Wolfgang Klein e Karl Stepanek, é homogêna, simplesmente boa, porque todos trabalham sem grandes dificuldades, porque os papéis não exigem mais, porque «Allô, allô, Paris...» é um filme que, sem esquecer a quota-parte de Ralf E. Vanloo, autor da novela, pertence quasi exclusivamente ao realizador Julien Duviver e aos seus operadores.

«Allô, allô, Paris... daqui Berlim!» é um filme que vai marcar entre as produções da época que começa.

Autor: Ralf E. Vanloo. Realizador: Julien Duviver. Cenarista: o mesmo. Assistente da realização: Wolfgang Loe-Bagier. Autor musical: Karol Rathaus. Decorador: Erich Czerwonsky. Fotógrafos: Balasch, Brik e Reimar Kuntze. Directores de som: Erich Lange e Dr. Bittmann. Director da produção: Frank Clifford. Interpretes: Lily, Josette Day; Annette, Germaine Aussey; Erich, Wolfgang Klein; Max, Karl Stepanek; Jacques, Charles Regie; Karl, H. Henninger; Presidente, George Boulanger.

Produzida em 1932 pela RKO-TOBIS. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «São João» em 10 Outubro 1932.

PAT E PATACHON, MÚSICOS AMBULANTES (Pat und Patachon Lumpekavallere): — A parolha de cómicos Pat e Patachon grangeou a simpatia do público, do público que gosta de rir sem preocupações ou exigências cinéfilas. E esse público fiel aos dois engraçados artistas dinamarqueses, que se habituou a apreciar, desde há anos, quando ainda nem sequer se sonhava com o fonocinema, aguardava com ansiedade o pri-

meiro filme falado pelos dois cómicos.

E não ficou disiludido. Se a técnica directiva de Karle Boese, que realizou «Músicos Ambulantes», não difere, neste fonofilme, da de Lau Lauritzen na maioria dos antigos filmes silenciosos de Pat e Patachon, o que é certo é que as situações difíceis em que se encontram os dois amigos, os *gags* que surgem intempestivos e, principalmente, o contraste entre as figuras dos dois cómicos e do qual tiram excelente partido, sempre agradam ao público, sempre lhe provocam o riso, muitas vezes transformado em gargalhadas contagiosas. E não há dúvida de que, se a inovação sonora, quando convenientemente utilizada, valoriza grandemente os efeitos das imagens de um filme, nas produções cómicas essa valorização realça extraordinariamente e



contribui, por isso, para o maior êxito da película.

Assim em «Pat e Patachon, Músicos Ambulantes», um filme que faz rir, sem qualquer outra preocupação.

Realizador: Karle Boese. Intérpretes: Pat, Harald Madsen; Patachon, Carle Schestrom; Hagen, Henry Bender; Kilty, Ingeborg Grahm; O lutador, Atila Hoerbiger; A Senhora Hagen, Anny Rosar; Fritz Hagen, Hans Thimig; Uma ladra, Vera Engels; 1.º Empregário, Karl Matuna; 2.º Empregário, Walter Brandt.

Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Trindade» em 8 Outubro 1932.

A MULHER DUMA NOITE (La Femme d'une nuit): — Francesca Bertini foi um idolo dos cinéfilos de ha mais duma duzia de anos. E de tal forma o seu nome se radicou, já pela quantidade de filmes que interpretou, já pelo seu valor, então, como das primeiras, se não a primeira, duma falange de grandes actrizes que o cinema italiano nos deu, em que figuravam as Borelli, as Menichelli, as Tilde Kassay, as Bianca Bellicconi, as Jacobini, as Manzini, etc., que ainda hoje Francesca Bertini tem público fiel, que a admira, que vive de recordações...

Francesca Bertini tem ainda condições para brilhar, se alguma vez fôr entregue a um realizador que saiba o que faz, que feche os olhos à técnica do passado e que não consista — nem para isso contribua — que Bertini trabalhe diante da objectiva e do microfóne, com a mesma lentidão de atitudes, com os mesmíssimos processos com que enfrentava a câmara nos velhos estúdios da «Caesar», sob as ordens do Cav. Giuseppe Barattolo...

Porque, se Bertini conserva ainda aquela beleza que fez andar a cabeça à roda a muito cinéfilo de entre 1915 e 1920, se mantém ainda a elegância do seu porte, que a impunha ao apreço de todo o público, a sua arte também se conserva no mesmo nível de então — e aí está o seu grande defeito. Pelo menos nesta sua primeira fita falada. No seu último filme silencioso — «A Posse» — ainda Francesca Bertini parecia adaptar-se às exigências da técnica moderna. Agora, em «A Mulher duma Noite», quicá pela hesitação de Marcel L'Herbier na sua adaptação ao sonoro, Francesca Bertini regressou ao cinema de há 15 anos, e as suas atitudes, os seus movimentos tem todo o aspecto do cinema de outrora, como os seus beijos no Jean Murat tem o comprimento dos que viamos, ha muitos anos, nos tempos das parolhas Francesca Bertini-Gustavo Serena, Marla Jacobini-Alberto Collo, Hesperia-Tullio Carminatti...

Também Marcel L'Herbier, fóra de dúvida, contribuiu para que Bertini não sobressaísse e o filme se empobrecesse. Não cenzurizou a história como era mister, de tal modo que a *découpage* prejudica a continuidade e a perfeita compreensão do argumento, titubeou na modelação sonora, sem qualquer resultado proveitoso, abusou da sobreposição da pendula do relógio sobre o mar, para



nos dar a ideia do tempo que la passando, e, em resumo, fez um filme que não deve ser grande orgulho para a cinematografia francesa...

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Na capa: — Clark Gable, interprete do grandioso filme "Titans do Ceu", da "M-G-M"

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero fol visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00. Sem.
24\$00. Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50. Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

Quem ganhará este ano?

Em fins de Novembro reunirá a Academia das Artes e Ciências Cinematográficas, para decidir quais os vencedores dos prémios de 1932. Corre com insistência, entre as pessoas do ramo cinematográfico e os jornalistas de Hollywood, que para o prémio da melhor interpretação feminina de 1932 uma grande maioria se inclina para a actriz Helen Hayes no filme «O Pecado de Madelon Claudet», da «M-G-M». Para as melhores interpretações masculinas indicam-se como prováveis Paul Muni em «Scarface», da «United Artists» ou Lionel Barrymore em «Guilty Hands», da «M-G-M».

Jesse L. Lasky sai da «Paramount» e funda companhia própria

Jesse L. Lasky, um dos fundadores, com Adolph Zukor, da «Paramount», não chegou a um acôrco para a sua conservação naquela casa, e decidiu-se a abandoná-la, para fundar uma companhia independente, que, possivelmente, trabalhará para a «United Artists» ou para a «Fox».

A saída de Lasky, que é um dos veteranos e profundos conhecedores do *métier*, deve prejudicar bastante a «Paramount», já desfalcada de Sidney Kent, hoje presidente da «Fox», a cuja marca tem dado grande desenvolvimento.

Helen Hayes em «A Irmã Branca»

A «M-G-M» decidiu fazer a versão falada de «The White Sister» («A Irmã Branca»), que no tempo do silencioso foi interpretada por Lillian Gish. Desta vez será desempenhada por Helen Hayes, a grande actriz que tam notável criação realizou em «O Pecado de Madelon Claudet».

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)
TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

■ ■

Terça-feira, 18 de Outubro **A Grande Atracção** criação do grande tenor RICHARD TAUBER, com a linda actriz MARIANNE WINKELSLERN

■ ■

Sexta-feira, 21 — Estreia no Pôrto do grandioso filme de aventuras **RICARDITO E OS MEXICANOS** com o célebre actor-atleta Richard Talmadge
No mesmo programa: O ZEPELIN PERDIDO com Virginia Valli

PREÇOS POPULARES
Matinéés às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o melhor receptor é o

M E N D E

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

N.º 30

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do "CINEMA,"

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

- TRINDADE — Matinéés de Quinta-feira e Sabado, 20 e 22 de Out.
- OLYMPIA — Matinéés de Quinta-feira e Sabado, 20 e 22 de Out.
- BATALHA — Matinéés de Quinta e Sab., 20 e 22 e Soirée de Sab. 22.
- CINE-ODEON — Soirée de Sabado, 22 de Outubro

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» teem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresenta esta semana no cinema

AGUIA D'OURO

a super-farça falada em francês

O REI DA PANDEGA

com o popular cómico

GEORGES MILTON (Bouboule)

Brevemente anunciaremos a primeira
lista dos filmes de

Castelo Lopes, L.^{da}